

A PRESENÇA DAS NARRATIVAS MÍTICAS DE ANCESTRALIDADE AFRICANA COMO ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

RESUMO - A característica interdisciplinar da Ciência da Informação possibilita uma análise sobre mitos da tradição africana como elementos de informação e preservação da memória da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua. Este estudo tem como objetivos específicos identificar, verificar e compreender os mitos como possibilidade de contribuir também para a continuidade de estudos e pesquisas que retratem a história e a memória do povo negro. À luz da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand, adotamos a mitoanálise concomitante com a pesquisa qualitativa do tipo etnográfico com o propósito de fazer uma descrição densa dos dados coletados por meio da entrevista semi-estruturada, observação direta e ficha de identificação. Os conceitos de informação, memória e preservação, abordados na Ciência da Informação são utilizados para fazermos uma viagem concisa pela trajetória dos mitos e pela Teoria durandiana. Além de uma sucinta explanação sobre a história dos negros no Maranhão e uma descrição referente à Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua. Concluímos que a informação mitológica e sua preservação devem ocorrer em parceria com a Lei 10.639/03, e essas informações podem devolver a autoestima e servir para perpetuar a tradição dos quilombolas de Itamatatua.

Palavras-chave: Mitos africanos. Identidade cultural. Memória. Teoria durandiana. Comunidade de Itamatatua. Ciência da Informação

Mirian Albuquerque Aquino
Doutora em educação, Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Professora do Programa de Pós-graduação em educação. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnocorraciais.
UFPB
miriabu@gmail.com

Cleyciane Cássia Moreira Pereira
Mestranda em Ciência da Informação, Graduada em Biblioteconomia
UFPB
cley.pereira20@gmail.com

THE PRESENCE OF MYTHIC NARRATIVE OF AFRICAN ANCESTRY AS ELEMENTS OF INFORMATION AND MEMORY PRESERVATION

ABSTRACT - The characteristic Interdisciplinary Information Science enables develop studies in this direction. In this sense, it presents the proposed research work in progress, examining the myths of the African tradition as elements of information in memory and preservation of the Community of Quilombola Alcantareense Itamatatua, on line search "Memory, Organization, Access and Use of Information "of the Post-graduate in Information Science UFPB. Consisting of specific goals to identify, verify how the preservation and understanding the myths present in that Community, and also as a possibility to contribute to the continuity of studies and surveys that portray the history and memory black. In light of the Theory of the Imaginary by Gilbert Durant adopt the mitoanálise that allows the analysis of myths concomitant qualitative methodology of ethnographic approach in order to describe, thick, the survey data collected through semi-structured interviews, direct observation and identification form. We highlight a priori concepts of information, memory and preservation addressed in CI, the following definitions of memory, we also present a concise travel the path of the myths and the Theory durandiana. Besides a brief explanation on the history of blacks in Maranhao and a description referring to the Community. The research is at the stage of theoretical approaches and analyze data, identify where you can walk up to the gods of the analysis as Ogun afros in the speeches of the characters contributing to our research.

Key words: African Myths, Cultural Identity, Memory, Information Science, Durandiana Theory, Itamatatua Community

1 INTRODUÇÃO

Em um determinado momento histórico a compreensão do conhecimento científico baseou-se na especialização disciplinar. Quando começaram a perceber que tal conhecimento incorporava uma dimensão complexa e heterogênea, recorreram-se aos procedimentos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares¹. Dentre os campos de estudo, que abordam o conhecimento nessa nova dimensão e abrem caminhos para múltiplas leituras dos fenômenos, é possível citarmos a Ciência da Informação (CI) que surge no contexto da interdisciplinaridade, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas nessa direção, e permitindo o entrelaçamento com os Estudos Culturais que consideram a cultura numa dimensão mais ampla, bem como voltados para os significados das artes tradicionais/populares e as práticas cotidianas como objetos de análise, e tornando possível a investigação da memória de grupos étnicos e suas práticas identitárias específicas.

Essas relações interdisciplinares entre diferentes campos de estudo apontam caminhos para alcançarmos os estudos míticos da Comunidade Quilombola por meio das teias de aranha da figura mitológica africana Ogum², como forma de irmos e retornarmos aos conceitos e análises, sem perdermos a dimensão de espaço-tempo que pautam a trajetória dos povos de matriz africana.

O relato de um mito africano, na localidade dos iorubás, expõe que em tempos remotos, Exu (mensageiro da Comunicação entre o adivinho e Orunmilá) foi incumbido da missão de descobrir as soluções para problemas terríveis que assolavam dos humanos aos orixás. Para executar essa missão, Exu deveria ouvir todas as histórias das divindades, dos animais, dos seres humanos e daqueles que dividissem com ele a Terra e ficassem atentos sobre quais providências seriam tomadas, bem como as oferendas que deveriam ser feitas aos deuses para chegarem a um final feliz a cada desafio enfrentado. E assim, Exu

¹ Conferir Pombo (1994; 2004)

² Ogum utilizava das teias de aranha para descer dos céus sempre que precisava caçar quando o mundo era apenas um charco (PRANDI, 2001, p. 109)

conseguiu colecionar 301 histórias, que simbolizava para os iorubás, um número incontável de histórias e, depois dessa etapa, ele tinha diante de si o conhecimento para desvendar os mistérios sobre a origem e governo do mundo dos homens e da natureza, inclusive daqueles infortúnios do cotidiano, como as doenças e a morte, entregando-as a Orunmilá (deus do oráculo) que transmitisse esse conhecimento aos seus seguidores - os babalaôs ou pais do segredo - pois, para os iorubás antigos, nada é novidade, tudo que acontece já teria ocorrido (PRANDI, 2001).

A indagação que surge é: qual a relação dos mitos com a Ciência da Informação? Ora, se tomarmos como norte que os mitos estão eivados de informações, constituindo memórias que precisam ser preservadas e rememoradas na história da humanidade, podemos tomá-la como analogia para o estudo da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatiua, localizada em terras maranhenses. Assim, análogo a essa narrativa mítica, ensejamos reunir um conhecimento relativo às histórias de uma comunidade africana, a fim de que possa ser preservado e sirva de elemento de rememoração não só de um passado sofrido e marginalizado, mas digno de orgulho pela resistência do povo negro que mantém com suas características identitárias.

Entendemos que histórias de comunidades identitárias³ como essa que estamos estudando podem ser extintas, acarretando o apagamento de uma memória. Então, identificá-las e organizá-las constituem, ao fazer da CI, a oportunidade de preservação da memória dos (as) negros(as) da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatiua.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ABRIGA LUGARES DE MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

É consenso entre pesquisadores (as) da Ciência da Informação que essa área de estudo não é necessariamente recente. A Segunda Guerra Mundial é o marco de sua projeção no cenário mundial como uma saída para solucionar o problema da explosão informacional caracterizada pelo aumento acelerado da produção documental em ciência e tecnologia. Entretanto, não é nossa pretensão caminharmos por sua descrição histórica

³ São comunidades que mesmo diante das mudanças contemporâneas, ainda mantêm traços identitários que demarcam fronteiras e territórios com características próprias (FERREIRA; OLIVEIRA, 2009).

ou mesmo epistemologia neste trabalho, mas focaremos alguns conceitos pertinentes e desenvolvidos na maturação e expansão deste campo de estudo, tais como: informação, memória e preservação.

A preservação da memória no campo da Ciência da Informação para Le Coadic (1996) não está centrada apenas na biblioteca, no livro, no centro de documentação, no documento, no museu e no objeto, mas na informação que perpassa diversos espaços, delineando uma sociedade que precisa estudar as propriedades da informação, seu processo de construção, comunicação e uso diante das mudanças econômicas, culturais e tecnológicas inerentes a sociedade vigente.

Essa preservação nesse atual contexto de produção e disseminação da informação não cabe mais o conceito de transferência da informação que consistiria no “[...] conjunto de ações sociais em que os grupos e as instituições organizam e implementam a comunicação da informação[...].” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993, p. 1), aventando a possibilidade de inclusão de grupos socialmente vulneráveis fazendo com que estes não sejam apenas consumidores, mas também o conceito de democratização da informação fazendo com que esses grupos sejam produtores para acesso e uso dessa informação.

Essa visão de democratização da informação vem a possibilitar uma análise mais crítica no tocante ao conflito das trocas de informação no quadro das relações sociais, bem como o enfoque do global e o local e, ao mesmo tempo, a preservação de culturas locais. Essa idéia de preservação das culturas e de seu patrimônio memorialístico aproxima-nos das teses do geógrafo Milton Santos (2008) para quem a forma de um lugar contrapor-se à realidade de um mundo movido por forças poderosas e cegas é impor sua força de lugar, capaz de antepor-se pela sua densidade humana ao perverso processo da globalização.

A questão da identidade compõe a pauta da teoria social, desenraizando as velhas identidades e “fazendo surgir novas identidades e desconstruindo a idéia de sujeito uno. Na verdade, afirma Hall, há uma crise de identidade reconhecida como parte de um processo mais amplo de mudança que desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abala os quadros de referências que serviam de ancoragem no

mundo social (HALL, 1997). Os descendentes da ancestralidade africana - grupos afro-brasileiros buscam “elementos do passado para afirmarem uma identidade que já não é a mesma, que foi negada, promover a tradução de uma tradição cultural dos seus antecedentes e lutar por espaços que possibilitem a multiplicação dessa identidade (CALADO, 2008, p. 121)

Dessa forma, propomo-nos a estudar o espaço da Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua com o desígnio de contribuir e dar vozes aos(às) quilombolas dessa localidade, entendendo-os (as) como sujeitos produtores na democratização da informação e, “enquanto sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe” (GOMES, 2005, p. 42). Essa opção retoma os conceitos de “informação”, “preservação” e “memória”, descritos, analisados e interpretados a partir de diferentes teorias, abordagens, concepções e enfoques em campos distintos do conhecimento. Porém, iremos destacar sobretudo os conceitos de interesse CI em razão deste estudo está situado nesse campo. Nesse sentido a informação que interessa a CI pode ser conceituada como “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual” (LE COADIC, 1996).

Nas subáreas (Biblioteconomia, Arquivologia e a Museologia) da CI encontramos lugares, considerados como lugares de preservação da memória humana, onde a preservação pode ser entendida “como um aspecto central de preocupação e ocupação dos profissionais que atuam nesses espaços”. (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2009). Esse interesse pelo estudo da memória é visibilizado por Gondar e Dodebei (2005) quando afirmam que o tema memória é de fundamental importância para áreas de conhecimento que trabalham com os registros da informação e, semelhantemente a informação, não é objeto exclusivo de uma área de estudo, mas vem sendo estudado por diversos domínios do conhecimento.

Nessa mesma direção, alguns estudiosos vêem a possibilidade de se discutir à memória como um dos objetos da CI e asseveram que a memória “é a capacidade humana

de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros [...]” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 2) que favorecem a preservação da informação e sua transmissão. Desse modo, as narrativas míticas de ancestralidade africana são portadores de linguagens e informações que podem ser recuperadas, processadas e armazenadas, evitando-se, assim, o (desaparecimento) da memória coletiva, com a possibilidade de trazer uma contribuição para preservar a memória da tradição de afrodescendentes.

3 POLISSEMIA DO CONCEITO DE MEMÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A INFORMAÇÃO

Igualmente a complexidade do conceito de informação por ter um caráter polissêmico, o conceito de memória também já mostrou ser de difícil abordagem pelo menos é o que retrata as discussões e enfoques nas diversas áreas de estudo, tais como: Filosofia, Psicologia, Neurociências, Sociologia, dentre outras. Essas preocupações em decifrar a memória já estava em cena antes mesmo de Bergson (1988) e Halbwachs (2006), Nietzsche (1998) já fazia estudos memorialísticos. Em Nietzsche (1998) o esquecimento é algo necessário a existência humana para que possamos incorporar o novo. Entretanto, esta conceituação não seria viável para fundamentar a abordagem dos mitos posto que, para a mitologia, é mais interessante rever e compreender o que se repete, o que se faz lembrar na trajetória do *homo sapiens*. Mas, ao mesmo tempo, seria pertinente adotarmos uma ética de compreensão diante do diferente, marginalizado ou excluído, antes da manifestação de preconceito ao pensamento e as práticas que não comungam com aquelas que utilizamos.

A nosso ver, essa forma de lidar com a galeria conceitual conduzida por diferentes pensadores nos coloca em diálogo com Barrenechea (2005, p. 55) que aborda a questão da memória, afirmando que, por muito tempo, ela permaneceu vinculada a explicações míticas, sendo considerada como um dom ou doação dos deuses a “determinados homens excepcionais”. Lembrar significava transladar o homem para a morada divina, para o tempo dos arquétipos, para um passado imemorial, advindo à possibilidade de

realizarmos essa investigação para compreender os mitos da Comunidade Itamatiense como elementos de informação, preservação e memória como uma das contribuições à Linha de Pesquisa “Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação” do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFPB e subsídios para produção de estudos pesquisas no campo das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas.

Por ora dialogamos com alguns estudiosos que trazem uma compreensão da trajetória dos estudos memorialísticos e, nessa caminhada, Catrosa (2001) mostra que o estudo sobre memória como área começa com mais força por volta do século XIX e nos últimos anos tem estado presente nos debates acadêmicos, firmando a possibilidade de reforçarmos a nossa identidade, sem esquecermos a origem da nossa cultura, devido a transitoriedade de espaço-tempo. Trabalhar com a memória é vermos a possibilidade de não extinção de culturas e dos valores pertencentes que podem se perder na velocidade com que temos que processar um número expressivo de informação em um curto intervalo de tempo.

Os (as) africanos (as) trouxeram para o Brasil também sua cultura - lendas, contos, uma literatura oral vastíssima - que apregoa com muita força a história da cultura brasileira, mas por alguns séculos foram severamente excluídos (as) e reprimidos (as) pela ação colonizadora. Sua história e a memória do povo negro permanecem como parte de nossa cultura, mesmo com o escamoteamento e a marginalização engendrados pela cultura européia como “necessidades do capitalismo”. Essa visão eurocêntrica de dominação não é uma especialidade apenas da inteligência dos europeus ou dos dominantes do capitalismo mundial, mas também daqueles que foram educados sob a égide dessa cultura. (QUIJANO, 2010).

Como umas das formas de reparação aos prejuízos causados a esse povo e considerando a própria dimensão dos estudos da nova historiografia, somos instigadas a repensar e inserir a cultura daqueles (as) que foram jogados na externalidade como possibilidades de realização de inúmeras pesquisas, a fim de reduzirmos os processos de exclusões, sobretudo, na produção de conhecimento. Assim sendo, o estudo da memória dos povos quilombolas, torna possível percebermos que elementos de esquecimento e

apagamento são, quase sempre, produzidos pelo poder dominante na ação de ocultar a história de um povo e extinguir sua memória.

É conveniente destacar que a CI pode ser uma das áreas a contribuir no processo de organização da memória oral, fomentando estudos que dêem condições aos lugares de memória, muito importante para o processo de rememorar-la, visto que para isso buscamos essas memórias no consciente, mas também no inconsciente (documentos, pessoas que conviveram conosco) produzindo informação. Assim, a CI tem propósito de organizá-la, preservá-la, disseminá-la para isso existem os locais que se destinam a essas finalidades, bibliotecas, arquivos, museus que para Nora (1993), são os “lugares de memória” que equivalem a espaços de memória socialmente institucionais e legitimados para a preservação da memória coletiva e individual. Por isso, tomamos emprestado esse termo para justificarmos que a Comunidade de Itamatatua é um lugar de memória.

Na intenção de preservar a memória dos quilombolas dessa Comunidade, destacamos o dizer de Le Goff (1990, p. 423) ao afirmar que memória seria a propriedade de conservar certas informações que nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas por meio das quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou representadas como passadas. Assim para trabalharmos com a memória é imprescindível buscarmos as lembranças internas, passadas com o propósito de reconstruí-la dentro dessa abordagem histórica, relacionando as relações do indivíduo e sua consciência.

A necessidade de adentrarmos as águas da memória nos põe diante de mecanismos como depósitos, armazenamentos, retenção, também de seleção e descarte. Logo, a memória também possui seus lapsos de esquecimento e, assim, indígenas e negros (as) foram eliminados (as) pelo poderes da “colonialidade”, propositalmente, sendo estes poderes “[...] tão responsáveis quanto os que assinam atos administrativos somos nós, cidadãos comuns, interessados na herança cultural, historiadores, arquivistas e tantos outros que respiram memória, calam diante do desatino, não manifestam opinião, não reagem [...]” (GALINDO, 2005, p. 7). O que realmente notável é que pouco se reconhece que a memória conserva as informações que vão sendo retidas num processo

de seleção “individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico” (COSTA, 2009, p. 124).

Na visão de Halbwachs (2006), a memória é uma construção social, pois nós dependemos de outras relações na formação de nossas memórias individuais, em que na interação com outras pessoas atuamos e somos influenciados na construção de nossas memórias (grupos como família, igrejas, escola, trabalho, ou seja, em todos os grupos que estamos inseridos). Porém existe uma diferença entre essas memórias: a individual abrange as lembranças pessoais e diferencia um indivíduo dos outros, sendo feita a seleção das lembranças que interessam ao indivíduo, as quais se referem a sua individualidade e personalidade; ao passo que, a coletiva remete à construção de lembranças de um determinado grupo que se relacionam e atribui sentido à sua vida.

O sujeito está atrelado a diversas experiências. Então, a memória não será uma, mas uma constante relação com várias memórias a partir de suas interações sociais, assim a memória deve ser compreendida mutuamente dentro da cadeia tempo, espaço, individualidade e coletividade, esquecimento e lembrança. Esse ponto de vista é coerente porque a memória deve ser compreendida para além do campo da psicologia da memória individual, mas em meio à interpretação da linguagem, do simbólico (PÊCHEUX, 1999).

Retomando Catrosa (2001), este autor comenta que a memória pode possuir três níveis que se imbricam mutuamente: proto-memória (habitus e da socialização e fonte dos automatismos do agir, passivo); a memória propriamente dita (recordação e o reconhecimento); e a metame-mória (define as representações que o indivíduo faz do que viveu), bem verdade que cada indivíduo atua e dispõe de todos os campos mnésicos, conforme a retrospectiva que se posiciona.

A partir de uma outra perspectiva, Halbwachs (2006) defende que a memória apresenta uma idéia da memória como uma construção socialmente adquirida que não é uma fonte do indivíduo que a conserva e a armazena, sistematizando-a em suas próprias experiências ao longo do tempo, mas a estrutura sócio-cultural que a constitui para elaboração e sustentação da memória de uma coletividade.

As recordações estão armazenadas na subjetividade. Entretanto, só podemos retomá-las em relação com o outro. A memória individual só ocorre na presença do coletivo, na presença de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc) no constante entrelaçar entre presente, passado e futuro. A memória é sempre seletiva. Cada presente pode recontar sua história em função não só do passado, mas também das necessidades e lutas do presente.

No propósito não de discutirmos o esquecimento, mas de devolvermos, ou tentarmos rememorar, buscarmos a ponta do iceberg esquecida em meio aos valores homogeneizados pela cultura de cunho eurocêntrico através do estudo da memória oral dos povos afro-brasileiros e devolvê-las como herança a cultura que comunga e está apregoada dos valores afro-brasileiros, a cultura brasileira.

4 UMA INCURSÃO PELA TRAJETÓRIA DOS MITOS

No estudo dos mitos, é imprescindível não desconhecer as pesquisas e as contribuições do estudioso norte-americano Joseph Campbell, que possui uma vasta produção e reconhecimento mundial no que se refere a estudos sobre mitologia. Contudo, este autor cometeu a falha de dedicar-se ou visualizar vagamente a mitologia africana. Conforme Ford (1999, p. 10) “[...] Campbell é particularmente enigmático com a relação à África. Durante toda a vida, apesar de ter feito mais do que possa para incentivar o interesse popular pela mitologia, apenas raramente mencionou a África em sua profusão de estudos eruditos [...]”. Porém, a nossa pretensão não é necessariamente criticá-lo, e sim tomarmos seu legado para navegarmos pelas correntes mitológicas que se fazem inerentes a significação da existência humana, temática inegável a este estudioso. Em uma de suas obras, Campbell (1990, p. 173) faz uma reflexão sobre a relação dos termos mitológicos com a vida que consideramos relevante mencionar para justificar o porquê de citá-lo como referência para o estudo dos mitos: “importante é viver a vida em termos de experiência e, portanto, de conhecimento, do mistério intrínseco da vida e do seu próprio mistério [...]”.

Em seus estudos, Prandi (2001) ressalta que os primeiros mitos africanos registrados e datados no século XIX, referem-se à religião dos orixás da África e são os livros de padre Baudin, de 1884, e do coronel Ellis, de 1894. Nos mitos, foram enfocadas diversas temáticas que versam sobre a criação do mundo e de como esses mitos foram repartidos entre os orixás; relatam situações no que se refere à relação entre os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade. Vale salientar que, na sociedade tradicional dos povos iorubás, o tempo é a-histórico, a explicação do seu futuro e a interpretação do presente é realizada com base nos mitos, o passado e a explicação de tudo são alcançados através das narrativas mitológicas.

Nos tempos primitivos, os mitos eram concebidos e aceitos como critério de verdade, designava “[...] uma história verdadeira e ademais, extremante preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo [...]” (ELIADE, 1972, p. 7). Entretanto, esse contexto de concepção e crença dos mitos se modifica, e algumas sociedades começam a apresentá-lo como simples anedotas, delírio, fantasia, mentira. Esse ranço advém, sobretudo, da ciência moderna que considera a imaginação como causadora de erros, e logo os mitos teriam ligação com essa visão depreciativa. De acordo com Lévi-Strauss (1978, p. 10): “[...] Um fosso, a separação real, entre a ciência e aquilo que poderíamos denominar pensamento mitológico, para encontrar um nome, embora não seja exatamente isso, ocorreu nos séculos XVII e XVIII [...]” com Descartes, Newton e outros cientistas.

O resgate do imaginário não tem sido um dos mais fáceis, pois muitos ainda não relacionam seu estudo como relevante para a vida social. A civilização moderna em decorrência do racionalismo até acreditou por algum tempo, ter eliminado o mito, inferiorizado as imagens e os símbolos. Contudo, enganou-se, pois eles têm se mostrado cada vez mais proeminentes para a explicação humana, dando sentido às ações diárias, através do poder mágico presente no imaginário, que dá força às práticas concretas da vida cotidiana e concebendo-a nas imagens reproduzidas no processo tecnológico da iconografia, em jornais escritos, televisão, cinema, exemplos que demonstram sua

atuação continuada e atuante na sociedade, embora estas, predominantemente, não possuam finalidades educativas.

Mas afinal o que são mitos? O mito pode ser concebido sob diversas óticas. Pensá-los mitos como informação significa entendê-los como uma “narrativa mítica na qual se ocultam informações que descrevem e explicam fenômenos físicos e humanos, observados, descritos e registrados com a diversidade cultural própria da espécie humana” (FREIRE, 2001, p. 18). Esse ponto de vista desta autora permite alcançar a importância de se estudar os mitos na Ciência da Informação, posto que tal fenômeno parece indicar possibilidades de compreensão de que, para além da apropriação dos mitos como elementos de informação nos contextos históricos, sociais e culturais, propiciam as condições para a produção sentidos geradora de um novo conhecimento. Concordando com Freire (2001), os mitos são capazes de criar novas formas de expressão do conhecimento e criar possibilidades de transformação nos grupos e nas estruturas sociais nessa sociedade contemporânea. Acrescentamos que, além de elemento de informação, eles podem ser abordados na CI como memória, visto constituírem e rememorarem tradições, valores do *homo sapiens* dignos de preservação e divulgação.

Conceitualmente, entendemos mito como uma narrativa, um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades representarem suas contradições, seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Além do que, “pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de ‘estar no mundo’ ou as relações sociais” (ROCHA, 1985, p. 1).

Nos estudos durandianos, o termo “mito”, deve ser entendido não apenas como mito propriamente dito, mas como a narrativa que legitima esta ou aquela fé religiosa ou mágica, a lenda e as intimações explicativas; o conto popular ou a narrativa romanesca (DURAND, 1997). Essa conceituação permite considerarmos os fragmentos de narrativas aprendidos por meio de entrevistas semi-estruturadas nas falas dos entrevistados na nossa pesquisa.

5 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

A Teoria durandiana vai mostrar que à medida que a razão perde seu espaço de senhora absoluta da verdade e dos problemas que assolam a sociedade, insere-se no universo acadêmico e social o estudo do símbolo e do imaginário, dando-se importância ao mundo subjetivo, interpretativo, imaginário inerente ao homem com o propósito de reconhecer as imagens que estruturam suas obras e a si mesmo, como soluções para o desvendamento de aspectos nunca abordados no estudo humano.

Para encontrar as imagens significativas da representação humana, Durand recorre à "Antropologia profunda", ou seja, utiliza-se de várias ciências, com seus diferentes métodos e disciplinas com o objetivo de explicar (um aspecto de uma ciência por meio de outras ciências), adotando nesse estudo a trajetória antropológica. Consiste da interação biopsíquicosocial, ou seja, num percurso de formação das imagens: corpo, mente e cultura. Considerando os símbolos, esquemas e arquétipos elementos constitutivos dessa trajetória, por serem homólogos e isomorfos, dotados de características básicas e similares são classificados em constelações de imagens e, por conseguinte resultam em grandes constelações, as estruturas do imaginário.

Partindo das estruturas do imaginário - heróicas, sintéticas e místicas - o teórico classifica-as em regimes de imagens ou simbólicos flexíveis: a primeira formará o Regime Diurno (dominante reflexa postural relacionada aos arquétipos de luz, de luta, de altivez) e as duas últimas constituirão o Regime Noturno (dominante reflexa digestiva e copulativa ligada aos arquétipos das trevas, descanso e queda). Assim, elabora uma tabela para o estudo do homem, mostrando a possibilidade de convergência de várias ciências.

Em um panorama da crise paradigmática, do início desse século, a teoria de Gilbert Durand apresenta-se emblemática neste estudo. Cabendo mencionar que essa explanação sobre o referencial metodológico se faz pertinente, pois é ele que adotamos no trabalho de pesquisa do mestrado.

Conjuntamente com essa teoria, lançaremos mão da abordagem qualitativa pelo caráter interpretativo que atende aos dados coletados conjuntamente com a pesquisa

etnográfica, a qual para Geertz (1978, p. 15), inspirado nas idéias de Gilbert Ryle, a define como um “esforço intelectual para uma descrição densa”. Entretanto, adotamos essa modalidade de pesquisa não nessa acepção de leitura em profundidade do espaço proposta por Geertz, mas faremos uso de alguns de seus pressupostos e instrumentos metodológicos.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas, observação direta e ficha de informante. A partir destes instrumentos coletamos 24 entrevistas no período de 17 a 29 de janeiro e 02 a 13 de fevereiro de 2010, para as quais priorizamos alguns critérios: a) a senhora mais idosa, que é remanescente do período escravista com 105 anos; b) as mulheres líderes, visto que, o campo de pesquisa prevalece uma cultura de tradição matriarcal, em que elas comandam e representam a localidade; b) os(as) responsáveis (pais ou mães) pela família que aceitassem ser entrevistados(as);c) e conversas informais com jovens sem considerá-los como focos prioritários da coleta, mas colaboradores(as), a fim de visualizarmos como se desencadeava a perpetuação da memória oral e propagação das tradições locais.

Nessa coleta de dados, partimos da compreensão de que o tempo é um elemento de significativa importância na compreensão dos mitos e não deve ser compreendido pela linearidade, mas a partir de uma circularidade e repetição dos acontecimentos, em que tudo que acontece é a repetição de coisas que já ocorreram. Assim, a própria leitura de um mito não pode ocorrer de forma linear, da direita para esquerda, de baixo para cima, como se ler um texto de jornal, e necessário entendê-lo em sua “[...] totalidade e descobrir que o significado básico do mito não está ligado à seqüência de acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, a grupos de acontecimentos [...]”(LEVI-STRAUSS, 1978, p. 42).

Nesse momento cabe nos entrecruzarmos novamente com nosso objeto de estudo a “A Comunidade de Itamatatua”. Ao entrevistarmos os (as) quilombolas, foram quase unânimes em afirmar que o maior saudosismo que os assolavam vinha, sobretudo, da ausência de seus pais e irmãos confirmando assim a defesa desse autor, a recordação se

faz a partir do contato com o outro, e não de uma autarquia, o que se mostra ínsito nos relatos.

A reconstrução da memória a partir da história oral pode devolver vitalidade ou até mesmo auto-estima ao entrevistado. Por isso a exigência e responsabilidade do entrevistador com a inserção de uma abordagem inclusive psicanalítica. Podendo-se esperar ganhar da psicanálise uma influência com atenção para as sutilezas da memória. Isto porque assim, como a informação, várias áreas são atraídas para estudá-la a memória também compartilha dessa prática.

Na discussão que Thompson (2002, p. 208) faz sobre memória é justo em concordar que “[...] recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança [...]”. Assim, o entrevistador deve estar atento ao tomar a sua pesquisa como história de vida, ou quando buscar abordar histórias de outras pessoas, por exemplos idosos (as) possuem sentimentos que ao rememorar podem desabrochar dores profundas, ou então, ajudá-los (as) a encontrar alegria na sua existência, enfim para isso há necessidade do (a) entrevistador (a) utilizar-se da sua sensibilidade para ouvir esses (as) entrevistados (as), logo observando a dimensão terapêutica do trabalho de história de vida. Esta afirmação foi constatada na escuta da coleta de dados na Comunidade de Itamatatiua, uma entrevistada ao relembrar seu passado não se continha em lágrimas.

7 IMAGENS MITOLÓGICAS NA MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ALCANTARENSE ITAMATATIENSE: contextualização, descrição e análise

Qualquer tentativa de análise de um fenômeno ou mesmo a sua mitanálise requer situá-lo em seu contexto, expondo a descrição de suas características e localização, a fim de examiná-lo coerentemente. Pensando assim, a informação oficial que o contextualiza fez com que as Comunidades Quilombolas aparecessem na historiografia e na educação brasileira como redutos de escravos (as) fugitivos (as) na experiência do período escravista, negligenciando-se o fato de que não se pode esquecer a memória de um povo, por mais limitada que seja, será sempre sua história. Essa informação reduziu o fato de

que essas comunidades nos remetem a vários tempos e espaços históricos – África- Brasil - e constituem agrupamentos de pessoas que se reconhecem com a mesma ascendência étnica, que passam por inúmeros processos de transformação, sendo afetadas pela lógica da globalização (BRASIL, 2005).

Estudos atualizados revelam que o Brasil recebeu da África aproximadamente 18 milhões de escravos (as), e alguns “historiadores (as) afirmam que nas caravelas de Martin Afonso de Souza vieram os primeiros, e com certeza, o carregamento inicial que inaugura o tráfico negreiro é realizado em 1538 sob o comando de Jorge Lisboa Bixorda”. (TERRAS..., 2002, p. 92). Nesse contexto, o Maranhão é considerado como um dos maiores receptores de escravos(as) desse período. Isso vigorava por causa de acordos estabelecidos na política pombalina que “[...] objetivava principalmente a emancipação do indígena e a introdução no Estado de dez mil escravos no prazo de vinte anos” (MEIRELES, 2001, p. 152) que o elevaram a ostentar economicamente projeção nacional, estes provieram mais exatamente da Guiné e da Costa da Mina, mais precisamente do [Benin](#), antigo [Daomé](#), [Ghana](#) e [Togo](#), mas também em levadas não menos importantes de africanos do [Congo](#), [Cabinda](#) e [Angola](#). Assim, toda a ascensão social e política teve como grande contribuição a mão-de-obra escrava que trabalhava para aumentar a riqueza e o poder da elite colonial.

A contra-informação vai dizer que, após a Abolição da Escravatura, a economia maranhense entra em declínio, a ponto de não mais figurar na lista das cidades mais importantes do país, sendo a província do Brasil que talvez tenha sofrido mais com a abolição. Nesse contexto, e até mesmo anterior, os(as) negros(as) que viviam no meio rural e se auto-identificavam como comunidades negras rurais, formando populações negras terras de preto, quilombos, mocambos e outras designações do segmento da população negra brasileira, se organizavam em comunidades quilombolas, sendo as mesmas “marcadas pela resistência, organização, e principalmente, pela luta em defesa de direitos sagrados: Terra, Liberdade, Cidadania e Igualdade”. (TERRAS..., 2002, contracapa).

Dessa forma, refuta-se novamente a informação oficial, disseminada pela elite branca, que reduzia os (as) negros(as) à passividade, quando a contra- informação atual registra que a opressão dominante é que os(as) torna excluídos(as) da sociedade, sendo esta responsável por sua exclusão econômica-política e educacional, ocultando o fato de serem os(as) negros(as) (pretos(as), mulatos(as) e pardos(as)) brasileiros(as) que resistem desde então à escravidão e buscam cotidianamente a conquista de seus direitos de obter a educação, a informação, a saúde, a habitação e o conhecimento.

No Maranhão, o Projeto Vida de Negros da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos, organizou e catalogou mais de 400 comunidades entre as décadas de 1986 e 1988, distribuídas pelos Vales do Itapecuru, no Baixo e Médio Mearim, Baixo Pindaré, Turi, Munim, estendendo-se até o Baixo Parnaíba e Baixadas Ocidental e Oriental. (TERRAS..., 2002). Dentre estas, destacamos a Comunidade Quilombola de Itamatatiua, localizada em Alcântara. Este município com antigo nome de Tapuitapera⁴ foi, em séculos anteriores, uma aldeia dos índios tupinambás por isso essa primeira denominação. Depois ocupada por franceses no início do século XVII, e durante o período colonial vigora como um importante centro agrícola e comercial do Estado.

Após a Abolição, dentre outros motivos entra em declínio; as grandes propriedades ocupadas por ricos fazendeiros e ordens religiosas são evadidas e muitos retornam para seus países de origem, e outros para São Luís, deixando suas terras para União. Cabe mencionar que nunca mais Alcântara conseguiu se recuperar economicamente, e o que se observa na sua paisagem atual são apenas ruínas e prédios antigos, que remetem a um passado de escravidão, marcados por valores e tradições da cultura africana. Essas propriedades tornam-se moradia e habitação dos ex-escravos, dando origem a inúmeras Comunidades ainda hoje existentes. Destarte, a Comunidade de Itamatatiua ou Tamatatiua conforme o Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados teria surgido nos documentos do século XVIII com essas designações, originou-se de uma antiga fazenda da Ordem Carmelita dedicada a Santa Thereza na localidade de Tamatatiua. Em 1797, o Reverendo Prior João Alves Serrão, descreve em um documento os bens referente à

⁴ Foi uma das maiores aldeias indígenas do litoral norte do Brasil conferir BRASIL (1999).

Ordem do Carmo em Alcântara, em que menciona “[...] a fazenda dedicada a Santa Thereza, com 135 escravos entre homens e mulheres, capazes de serviço 63, doentes e velhos 23, e menores 49” (BRASIL, 1999, p. 2).

De acordo com esses documentos Tamatatiua teria mais de 300 anos. Para Dona Neide, líder e representante da Comunidade, o aniversário de Itamatatiua é dia 03 de junho e o seu ano de surgimento foi em 1699, ou seja, completou 311 anos, entretanto, os quilombolas nos últimos anos não têm festejado essa data. Ela é uma Comunidade negra que ainda mantém traços identitários mediante as mudanças contemporâneas, sendo por isso tomada como objeto de estudo em diversas pesquisas.

Essa Comunidade é composta por 132 famílias⁵ cuja fonte de renda básica é a agricultura de subsistência e a cerâmica. Ela é permeada por caracteres que a tornam singular, por exemplo, a denominação de quilombola numa abordagem tradicional é concebida como o local escondido, geralmente no mato onde abrigavam os(as) negros(as) fugitivos(as) dos cativeiros.

Em Itamatatiua, a formação do grupo se dá em decorrência da saída da Ordem Carmelita da propriedade por não ter compradores(as) para a Terra, a fazenda é abandonada para os(as) negros(as) que ali residiam, deixando uma característica que até os dias vindouros prossegue como Terra de Santa D’Ávila de Jesus. Nessa data, a posse da Terra é repassada por uma pedra com uma prescrição que selava a passagem da Terra da Santa para os(as) negros(as) Itamatatiuenses, sendo reconhecida o valor simbólico dessa, até mesmo, em audiência pela posse da terra⁶. Cabe mencionar a devoção que esses (as) quilombolas têm com a Santa, adotando em seus sobrenomes, com raras exceções, o nome de Jesus, e por este motivo são conhecidos como os Pretos de Santa Tereza.

Os quilombolas itamatatiuenses nas últimas décadas têm conseguido algumas melhorias através de suas lutas, sobretudo advindas da Associação de Mulheres

⁵ Quantidade fornecida em 2010 pela Agente de Saúde da Comunidade

⁶ Relatado por um dos entrevistados um episódio em que foram convocados para uma audiência sobre a posse da Terra com fazendeiros que queriam tomá-las dos quilombolas, ao mostrarem a Pedra ao juiz no fórum, este diz que a sessão estava encerrada, pois só a Pedra dizia tudo. Ainda não possuem a titulação das terras, mas tem o reconhecimento destas propriedades em 2006 pela Fundação Palmares.

Ceramistas⁷, como a instalação de um poço artesiano que abastece algumas residências, energia elétrica, um caminhão para auxiliar na fabricação e transporte da cerâmica. Por outro lado, assim como as demais comunidades rurais são desprovidas de saneamento básico; água tratada; posto de saúde, quando adoecem se deslocam para municípios vizinhos, utilizando antes de suas práticas medicinais caseiras com ervas, a escola que funciona até o ensino fundamental, o ensino médio também há necessidade de irem para outros locais. As habitações familiares dos Itamatatuenses, em sua maioria, prevalecem construção de parede feita com uma trama de ripas ou varas cobertas de barro, os conhecidos paus-a-pique, e com teto de pindobas.

Após essa contextualização e descrição do *lócus* de nossa pesquisa, faremos uma análise dos mitos intrínsecos as tradições e contexto da memória dos Itamatatuenses identificados na coleta de dados. Entretanto, mesmo a Teoria do Imaginário possuindo uma metodologia específica para o estudo dos mitos, chamada mitologia, composta pelos conceitos de mitocrítica e mitoanálise que permitem compreender as narrativas e os elementos iconográficos (a pedra, a igreja) de significação para os(as) moradores(as) Itamatatuenses, logo esses elementos são apreendidos no contexto sócio-histórico-cultural a partir das suas manifestações não abordamos, nessa comunicação, necessariamente os conceitos oferecidos pela mitoanálise, visto estarmos em fase inicial, mas traremos à superfície algumas imagens mitológicas africanas que se mostram nas falas dos entrevistados, logo sendo frutos do imaginário dos habitantes Itamatatuenses.

A forma de comunicação na Comunidade mesmo em meio à chegada do eletrônico (como o rádio e a televisão) ainda sobressai à oral, esta é permeada de lendas, narrativas em que aparecem curupiras, mãe d'águas, figuras do imaginário popular. Concordamos com Santos, Reis e Oosterbeek (2010) os quais elucidam que “[...] ao adentrar na comunidade observa-se facilmente que Itamatatiua ainda traz a presença da oralidade e das tradições vinculadas a ela, seja nas suas práticas sociais, como em seu aspecto físico-

⁷ Associação de Mulheres foi organizada acerca de 10 anos conforme a representante da Comunidade, D. Neide. Elas se organizam na fabricação e vendas da cerâmica, possuem uma representante que é escolhida através de eleição direta a cada dois anos. Dessa organização, elas têm conquistado alguns benefícios e conquista para localidade como citados acima.

geográfico [...]”

Dentre essas narrativas nos deteremos na Santa Teresa D’Ávila de Jesus. Historicamente esta Santa nasceu em Ávila, Espanha, no século XVI (1515), e ingressou no Carmelo de Ávila aos vinte anos, convertendo-se pouco tempo depois, tornando-se um espírito modelo de devoção a Igreja, falecendo aos 67 anos na cidade de Alba de Tormes, canonizada em 1662. O Papa Paulo VI reconheceu-lhe o título de Doutora da Igreja, nos idos de 27 de setembro de 1970. (SANTA ..., 2010).

A Ordem do Carmo chega ao Brasil no século XVI, instalando-se em Olinda, Pernambuco, em 1580 no século XV, onde também construíram em 1586 o primeiro Convento do Carmo. Desponta na Província do Grão Pará e no Maranhão no século XVIII já com a ramificação dos Carmelitas Reformados ou Descalços, por sua vez, esta foi uma Reforma que a Santa Teresa esteve à frente para sua efetivação. (MOLINA, 2006)

Na Comunidade de Itamatatiua a Santa Teresa é considerada pelos moradores como protetora, a quem atribuem à força e conquistas que têm em diversas circunstâncias, tais como: mesmo sendo uma das Comunidades mais carentes da região não passam fome; curas de doenças, etc. Dentre as versões para a chegada da Santa à Comunidade predomina uma em que esta foi encontrada na Fonte do Chora⁸. Esse acontecimento com muita freqüência é relacionado ao motivo de surgimento dessa Comunidade, observe na fala de uma moradora ao ser questionada sobre a origem da Comunidade:

O que a Senhora sabe sobre a origem da Comunidade, de onde vem Itamatatiua?

Eu não sei nem contar muito. Mas segundo o que alguém mais antigo me contam, porque eu também sou curiosa, poderia saber. Itamatatiua...assim era um povoado menor, só tinha as casas, o que quê aconteceu? As pessoas me disseram que Santa Teresa, uns dizem que ela apareceu aqui, andava, botava o rastinho na areia, eles botavam ela pra Igreja e no outro dia ela já amanhecia lá no Chora, eu não tenho nem assim como afirmar, né? As pessoas falavam que Santa Teresa foi encontrada no (Fonte do) Chora. Mas segundo me disseram ela veio de Roma, no tempo das Carmelitas. Aqui era uma fazenda antiga. Essa

⁸ Fonte de água que os moradores usam para beber. É um local encantado, onde os moradores devem respeitar certos horários para não verem personagens como: sapos de ouro; peixes que sujaram a água; mulheres que impedem a retirada d’água; curupira, dentre outros, as pessoas visitantes devem pedir licença com forma de respeito aos encantados da Fonte, e esta de acordo com moradores teria surgido antes do início da Comunidade.

fazenda era ainda de um pessoal que...que acho que trouxeram alguém, os escravos. O certo era que as Carmelitas que eram donas dessas terras, 55 mil hectares.(informação verbal)⁹

Na mitologia africana existe o mito de Oxum, divindade feminina da nação Ijexá (Nigéria), representante das águas doces dos rios e das cachoeiras, da riqueza, do amor, da prosperidade e da beleza, do ouro; cultuada em todas as religiões afro-brasileiras. Na natureza seu culto é realizado próximo de rios, cachoeiras e fontes de águas mineiras (OXUM, 2010).

Tomamos a pretensão, talvez ousada e apressada, de mencionarmos que o culto a Santa Teresa teria sido o sincretismo que se manifestava a deusa africana Oxum. Pois, os Negros ao virem para o Brasil eram resistentes a suas tradições, logo ao estarem na Fazenda dos Carmelitas em Alcântara continuaram com seus cultos religiosos, neste caso supomos que em volta da Fonte do Choro de águas minerais visto o valor material e simbólico que este representa ao contexto Itamatatiense. Entretanto, a Igreja católica reprimia as práticas religiosas africanas, conforme as palavras de Abdias Nascimento a religiosidade afro-brasileira era considerada anormalidade mental dos negros. Este autor relata que os cultos [afro-brasileiros](#) eram reprimidos pela polícia e seus “artefatos culturais” retidos como “peças que provavam a suposta delinquência ou anormalidade mental da comunidade negra”(XAVIER, 2010)¹⁰. Por isso, os Negros acabam adotando com muita frequência o reverenciamento de seus orixas por meio de santos católicos. Outra hipótese seria que os religiosos da Ordem do Carmo ao observar as manifestações religiosas próximas a Fonte do Chora, inserem essa Imagem nesse contexto, e suas histórias foram se reconfigurando ao longo dos séculos intrínseca ao existir dos Negros de Itamatia, com o propósito de substituírem suas crenças africanas pela católica, mesmo havendo resistência por parte destes.

Esta é uma das narrativas que nos levam a trilhar as linhas de chegada e pesquisa nessa Comunidade em busca da possível reconstrução da memória coletiva e até mesmo

⁹ Informação cedida por D. Irene, em Itamatatiua, 2010.

¹⁰ Entrevista concedida a Juarez Tadeu de Paula Xavier por Abdias Nascimento. Disponível em:< http://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9#cite_note-11>. Acesso em: 10 ago. 2010.

individual desse “lugar de memória” que podem se perder ao longo dos séculos. pois como sabemos, os anciãos, as fontes vivas, como qualquer ser humano, donos de discursos orais tendem a refazer sua história em planos desconhecidos, e assim ao conseguirmos registrar esses dados, essas histórias podem ser fontes de informação e preservação da história dos povos de matriz africana, e sobretudo de perpetuação de uma memória singular, dos Itamatatiuenses.

Destarte, queremos destacar que esta é apenas um intróito da análise, no transcorrer destas, podemos reforçar essas afirmações ou mesmo refutá-las, mas já é possível identificarmos elementos da religiosa africana em Terras Itamataiuense, como a divindade Oxum e ao prosseguirmos outras divindades religiosas da cultura africana podem se mostrar presentes no contexto das tradições desses moradores.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CI não mais se exime da discussão concernente á temática etnicorracial. Isso porque o acolhimento dessa temática é necessário ao processo de inclusão abordado nas políticas sociais de informação, dentre outras. Enfim, essa discussão é inerente aos diversos campos e áreas de conhecimento, suscitando a produção, apropriação, organização, disseminação e democratização da informação para acesso e uso, atividades estas intrínsecas ao fazer de um profissional da informação. Além disso, o caráter epistemológico social e interdisciplinar dessa área pressupõe que uma ciência só se constitui como tal, quando estabelece um campo dialógico com outros saberes, diferentes campos e um olhar perspectivado para a diversidade cultural.

Dessa forma, o tripé, **Ciência da Informação**, com seu arcabouço teórico referente à informação, à preservação e à memória, conduziu a um estudo, de mãos dadas com a **Teoria do Imaginário**, com o propósito de lançarmos os dardos em direção à Comunidade Quilombola de Itamatatiua. O estudo nos conduziu a compreender os mitos da cultura africana como elementos de informação, preservação e memória, na Comunidade Quilombola de Itamatatiua, a partir da oralidade, da fala, e perceber como elas demarcam

um modelo informacional com estruturas materiais e simbólicas de um universo cultural de ser e estar dessa Comunidade.

Analisar as narrativas míticas em linhas diacrônicas e sincrônicas é contribuir com o desvendamento de riquezas e tradições adormecidas em um passado de opressão e repressão, 102 que pode ser reconstruído e devolvido à populações que desconhecem sua própria ancestralidade, e que, em volta aos estudos memorialísticos, nos fascinam e encantam pela possibilidade de rememorá-las para não serem extintas, apagadas da história de uma comunidade identitária, como a da Comunidade Itamatatiuense. Desejamos que crianças, jovens e idosos da CQAI façam como a deusa egípcia Nut, que engolia o sol à noite e ficava no seu útero até o raiar do dia, quando então reflete Hátor, símbolo da vida e do amor. Análogo a esse mito, a população itamatatiuense possa embeber-se de sua própria história, de sua ancestralidade para uma identidade mais afirmada, orgulhosa e conhecedora dos heróis e dos guerreiros africanos, nas suas trajetórias de vida, e dos valores que os tornam singulares e, ao mesmo tempo, semelhantes aos que compõem sua árvore genealógica.

REFERÊNCIAS

BARRENECHEA, M. A. de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, J; DODEBEL, V. (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes 1988.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de bens móveis e integrados Maranhão e Piauí**: Capela de Sta. Tereza D'Ávila, Itamatatiua, Alcântara. São Luís: MinC/ IPHAN, 1999. v. 12.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD, MEC, 2005.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CATROSA, F. **Memória, história e historiografia**. Lisboa: Quarteto, 2001. 65p.

COSTA, I. T. M. Informação, memória e espaço prisional no Rio de Janeiro. DataGramaZero **Revista de Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso: 10. set. 2009.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução de: Les structures anthropologiques de l'imaginaire

ELIADE, M.. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERREIRA, R.; Oliveira, D. C. de. Eu e Tu em Itamatatuiua: etendendo a saúde através da cultural. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE, 13. Disponível em:<http://www2.metodista.br/unesco/1_Comsaude%202009/arquivos/trabalhos/

19-Comsa%C3%BAde%202009%20-%20Eu%20e%20Tu%20em%20Itamatatuiua%20-%20

Rosinete%20de%20Je_.pdf>. Acesso em 12. out. 2009.

FREIRE, I. M. **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – UFRJ/ECO, 2001.

FORD, C. W. **O Herói com Rosto Africano**: mitos da África. São Paulo: Selo Negro; Summus, 1999.

GALINDO, M. Tragédia da Memória. **Massangana**, Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONDAR, J; DODEBEI, V. (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n.3, p. 217-222, set/dez. 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz tadeua da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro:DP&A, 1997.

LE COADIC, Y. -F. **A Ciência da Informação**. Tradução Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Brique de Lemos/Livros, 1996.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MOLINA, S. R. **A Morte da tradição: a Ordem do Carmo e os escravos de Santa contra o Império do Brasil (1850-1889)**. 2006. 309. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A Ciência da Informação, Memória e esquecimento. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 6, dez 2008. Disponível em:<http://www.dgz.org.br/dez08/Art_02htm>. Acesso em 15. jan. 2009.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, E. B. de; RODRIGUES, G. M. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. Disponível em:<<http://www.enacib2008.com.br/cd/6%20-%Trabalhos%20PDF/>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

OXUM. In: DICIONÁRIO Wikipédia. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Oxum>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre (et.al.) **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POMBO, O; LEVY, T.; GUIMARÃES, H. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Texto, 1994.

_____. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, Porto, Faculdade da Universidade do Porto, 2004. Disponível em:<

http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf. Acesso em 22. ago. 2010

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, E. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTA Teresad'Ávila de Jesus. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/santodia/?mes=10&dia=15>>. Acesso em: 22. ago. 2010.

SANTOS, G.; REIS, M.; OOSTERBEEK, L. **Quilombos e globalização**: um estudo arqueológico sobre identidades e mecanismo de adaptação. Disponível em: <http://projetoportoseguro-maranhao.blogspot.com/2010/02/quilombos-e-globalizacao-um-estudo_28.html>. Acesso em 20 jul. 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TERRAS de preto no Maranhão: quebrando o mito do isolamento. São Luís: SMDH/PVN, 2002.

THOMPSON, P. A memória e o eu. In: _____. **A voz do passado: história oral**. 3. ed.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 197-216.